



O CORPO NA MÍDIA - A INVISIBILIDADE DO CORPO NEGRO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

Gabriela Nobre Bins

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência de uma tentativa de aplicação da lei 10.639/03 e implantação de uma educação antirracista nas aulas de educação física em uma escola municipal de Porto Alegre.

Palavras chaves: prática pedagógica, educação física, educação antirracista

ABSTRACT

This work is an experience report of an attempted application of Law 10.639/03 and implementation of an anti-racist education in physical education classes in a public school of Porto Alegre.

Key words : pedagogical practice , physical education, anti-racist education

RESUMEN

Este es un relato de la experiencia de un intento de aplicación de la Ley 10.639/03 y de una educación antirracista en las clases de educación física en una escuela pública de Porto Alegre.

Palabras clave: la práctica pedagógica , educación física , educación antirracista

A lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira, é uma iniciativa de política afirmativa que combate o racismo



e procura dar visibilidade aos povos marginalizados e inferiorizados na sociedade brasileira; a lei completou 13 anos, mas as escolas ainda estão engatinhando na sua implementação. Este trabalho é um relato de experiência de uma escola municipal de Porto Alegre com uma prática pedagógica que busca a implementação da lei e a valorização do corpo negro, buscando honrar o compromisso social de implementar uma educação que lute para a eliminação do racismo e qualquer outra forma de discriminação.

A escola onde essa prática se deu é localizada em um dos bairros com menor idh e maior índice de violência da cidade de Porto Alegre. Ela tem cerca de 1400 alunos e funciona nos três turnos. As escolas municipais de Porto Alegre são organizadas em ciclos de formação, compondo-se de três ciclos de três anos para totalizar o ensino fundamental. A prática pedagógica aqui descrita foi realizada com as três turmas do terceiro ano do terceiro ciclo, turmas que tinham em média 29 alunos.

Nas autodeclarações de raça e cor preenchidas pelos pais e responsáveis na hora da matrícula dos alunos, encontramos um total de 458 negros (somatório de pretos e pardos) o que corresponde a 32,71% do total de alunos da escola. Contudo, ao observarmos o recreio, entrada e saída da escola e olharmos para o fenótipo dos alunos, nos deparamos com um percentual muito maior. Ainda hoje, muitos alunos de fenótipo negro não conseguem se autodeclarar negros. Isso em função dos significados pejorativos atribuídos aos negros e em função do tipo de preconceito racial vivido no Brasil, que é baseado no fenótipo da pessoa: quanto mais escuro o tom da pele maior o preconceito vivido pela pessoa. A partir dessa constatação e de outras situações de preconceito e discriminação observadas na escola, surgiu o interesse de intensificar o trabalho nas aulas de educação física com as questões de racismo e do corpo negro.

A primeira atividade realizada com os alunos foi a discussão de um texto que relatava o caso de um time de futsal português, onde jogavam dois jogadores africanos que sofreram situações de racismos em vários jogos. Cada vez que eles tocavam na bola a torcida adversária emitia sons de macaco. Os alunos leram o texto em grupo e



passaram a debater o assunto. Ao final da discussão eles tinham relatado vários casos semelhantes que aconteceram no futebol brasileiro e mundial e também situações vividas na própria escola. Ressaltaram que o esporte também pode ser um local onde o preconceito se instaura, não só casos de racismo, mas também de machismo e homofobia. Lembraram-se do caso do jogador de vôlei chamado de bixa e observaram o fato da falta de transmissão do futebol feminino.

Essa primeira atividade já me deixou feliz com os resultados, pois conseguiu mexer um pouco com os alunos e fazer com que eles questionassem práticas que não costumavam questionar. Mas ainda não conseguia abordar a questão dos estereótipos corporais e o preconceito inscrito no corpo. Segundo Gomes (2003), “o corpo pode significar aquilo que uma sociedade deseja ser, assim como o que deseja negar”. Então a escola precisa problematizar o corpo e tentar desconstruir as naturalizações a ele impostas. Por isso, propus a segunda atividade.

A próxima atividade proposta foi a análise das imagens corporais veiculadas na mídia. Os alunos pesquisaram o conteúdo de revistas e programas de televisão, buscando visualizar que corpos são veiculados nesses meios de comunicação e discutiram quem eles representam e como nos enxergamos neles. Quais os padrões de feminino e masculino, de beleza e étnico-racial são evidenciados nesses espaços. Gomes (2003) nos chama a atenção para o fato desse ideal de beleza ser fruto de uma construção social que perpassa um contexto histórico, político e cultural e não um padrão universal como é visto por alguns. A autora ressalta que por isso ele pode ser ressignificado pelos sujeitos sociais e que essa ressignificação é o papel da discussão sobre a cultura negra na educação: “ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética” (Gomes, 2003). Os alunos analisaram revistas como Caras, Capricho, Gloss, Corpo a Corpo, Runners e Placar. Contaram as pessoas por gênero e raça e perceberam que nunca tinham parado para pensar em como tinham poucos negros nas revistas. Na revista Capricho, por exemplo, os alunos contaram 274 pessoas, entre elas 152 mulheres, 122 homens, 268



brancos e 5 negros. Na Placar o total foram 379 pessoas, dessas 37 eram mulheres e 342 eram homens, evidenciando a invisibilidade da mulher no futebol; e quanto aos números relacionados ao pertencimento étnico-racial, eles identificaram 353 brancos e 26 negros. Os alunos gostaram tanto da atividade que propuseram fazer a mesma análise das revistas com programas de televisão. Nos programas de tv analisados, eles também notaram um padrão de beleza estabelecido. A maioria dos personagens eram brancos e magros, com exceção dos programas “Esquentar” e “As Visões de Raven”. Além disso, em alguns programas, como Pânico, as mulheres aparecem com uma super exploração do corpo. Os programas analisados foram: Amor à Vida, Tapas e Beijos, Chiquititas, Sitio do Pica Pau Amarelo, Pânico, Cidade Alerta, Jogo Aberto, Vídeo Show, Bem Estar, Esquentar, As Visões de Raven, Violetta, Big Bang Theory e The Middle. Após ambas as análises, os alunos compararam os percentuais dos resultados com os percentuais da autodeclaração de raça do IBGE 2010 e perguntaram: Como pode, se pelos dados do IBGE mais da metade da população é negra, o que aparece na mídia é uma maioria branca e muitos poucos negros?

O envolvimento das turmas com a atividade foi tão grande que resolvi fazer o convite para os alunos que tivessem interesse participarem da mostra científica do IFRS- Campus Restinga, apresentando o resultado desta pesquisa. Inicialmente muitos alunos se empolgaram para participar, mas somente dois grupos com quatro alunas em cada um conseguiram se organizar e montar um pôster para apresentar na mostra. Essa foi outra experiência muito importante e significativa. As alunas, metade delas de origem negra, passaram dois dias apresentando seu pôster de forma autônoma na mostra. Ao retornarem para a escola, elas estavam mais seguras de si, orgulhosas de sua ancestralidade e encantadas com o evento. “A escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades” (Gomes, 1996), por isso precisamos proporcionar espaços de discussão e reflexão de práticas e posturas preconceituosas para que possamos superar os estereótipos e estigmas e possibilitar a construção de identidades positivas para nossos alunos e alunas negras.



Precisamos assumir que somos um país racista, que nossas escolas propagam esse discurso, seja através das ações ou dos silenciamentos e invisibilidade da cultura negra dentro de seus espaços. Só assumindo isso é que poderemos reverter a situação e tornar a escola um núcleo de resistência ao racismo e uma semente que plante a educação antirracista na mente e corpo dos alunos. (Bins 2014, p.130).

Essa experiência foi uma tentativa de plantar essa semente antirracista nos meus alunos, uma tentativa de desconstruir estereótipos e padrões de beleza, procurando dar visibilidade à diversidade de padrões corporais existentes e muitas vezes invisibilizados.

REFERENCIAS:

BINS, Gabriela Nobre. **Mojuodara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/jun/jul/ago. 2003.

_____. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, v. 6-7, p. 67-82, 1996.

ganobre@hotmail.com